

# **LIVRO DIDÁTICO E AS *POLÍTICAS PRÁTICAS* CURRICULARES COTIDIANAS NA RESISTÊNCIA ANTIRRACISTA<sup>1</sup>**

Fábio de Farias Soares – UFAC  
[ffabio.fariassoares@gmail.com](mailto:ffabio.fariassoares@gmail.com)

Rafael Marques Gonçalves – UFAC  
[rafamq02@gmail.com](mailto:rafamq02@gmail.com)

## **INTRODUÇÃO**

O livro didático (LD) constitui-se como um dos mais importantes materiais didáticos de apoio à prática didático-pedagógica de professoras e professores. É um artefato pedagógico e cultural que sintetiza, em linguagem acessível, práticas culturais e saberes científicos. Por essa razão, é tido como um “grande aliado” dos(as) professores(as). Por outro lado, também é material de consumo de estudantes, seja através de eventuais consultas ou como único referencial sistematizado de conhecimento. Em todo caso, o LD consiste em material didático, instrumento de trabalho do professor e do aluno, fundamental na mediação entre o ensino e a aprendizagem (BITTENCOURT, 2008).

A centralidade atribuída ao LD no cotidiano escolar se deve, em grande medida, ao crescimento de políticas públicas educacionais destinadas ao fornecimento de materiais didáticos às escolas públicas brasileiras, como o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Por consequência, a indústria do livro brasileiro se expandiu tendo no LD o seu principal segmento, o que movimenta anualmente cifras na casa dos milhões.

Mas o processo de definição de materiais didáticos utilizados na sala de aula não é simples. Como objeto cultural complexo, o LD envolve diversos sujeitos no seu processo de produção, circulação e consumo (BITTENCOURT, 2008). Além disso, também faz-se necessário considerar que livros e outros materiais didáticos não são objetos neutros e assépticos cuja finalidade esteja limitada apenas ao processo de ensino e aprendizagem, visto que, assim como

---

<sup>1</sup> Este trabalho é produto de projeto de pesquisa em desenvolvimento no interior do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Acre (PPGE/Ufac).

o currículo, estes resultam de disputas de poder que definem o que é tido como “conhecimento oficial”, assim como o que é “periférico”.

Nesse aspecto, livros didáticos, como uma das representações do texto curricular (SILVA, 2010), carregam valores e ideologias que muitas vezes podem (re)produzir formas de discriminação, preconceitos e estereótipos que corroborem com a perpetuação de desigualdades sociais, sobretudo no âmbito escolar.

Tendo isso em vista, Silva (2008) assevera que pesquisadores e ativistas do movimento social negro criticavam há décadas os discursos racistas nos livros didáticos brasileiros. Desde 1950 são publicadas no Brasil pesquisas sobre a presença de estereótipos raciais em livros didáticos, raramente manifestados de forma direta, hostil ou explícita.

Levando em consideração o que fora dito até o momento, esta pesquisa pretende-se responder ao seguinte questionamento: como a identidade étnico-racial está inserida nos livros didáticos de História, e quais os possíveis impactos nas *políticaspráticas* curriculares cotidianas?

Partindo da premissa que os estudos no/do/com os cotidianos convertem a realidade em permanente surpresa, insinuando-a, ao invés de possuir a posse desta, buscando entender o cotidiano para além de algo corriqueiro ou dia a dia, relacionado a um regime de rotinas que incluem hábitos ou costumes ordinários, este trabalho filia-se à concepção de Pais (2003), para quem o cotidiano é espaço de permanente produção e com potencial revelador de realidades enigmáticas, cujo guia é o desejo por descobertas. Uma vez que, são nas trivialidades cotidianas que as ações tornam-se fecundas, mesmo quando nada, aparentemente, se parece passar.

Neste trabalho, consideramos o currículo em seu aspecto amplo, tal qual Oliveira (2012), para quem currículo é “[...] tudo aquilo que se passa nas escolas, envolvendo os conteúdos formais de ensino, relações sociais, manifestações culturais e conjuntos de conhecimentos escolares [...]” (p. 3). Aqui assumimos currículo como uma prática em permanente elaboração, principalmente quando considerado em meio a complexidade da vida cotidiana.

Por fim, vale destacar a evidente relevância do LD na cultura escolar

devido as representações que este faz do mundo, da sociedade e das diferentes culturas (MUNAKATA, 2007). Tendo isso, este trabalho pretende contribuir com as discussões acerca das relações étnico-raciais tendo como foco o LD de História, sobretudo no que diz respeito as representações que este faz da identidade étnico-racial em seus conteúdos, textos e imagens. Trazer essas discussões à tona pode, além de contribuir com a produção científica no campo da educação, colaborar no combate ao racismo, em uma perspectiva de educação antirracista.

## **DESENVOLVIMENTO**

Materiais didáticos contemplam uma vasta gama de ferramentas utilizadas como mediadoras do processo de aquisição de conhecimentos, dentre elas podemos citar desde as mais tradicionais como o giz e a lousa, até as atuais invenções tecnológicas que progressivamente adentram o ambiente escolar. Segundo Bittencourt (2008), instrumentos como livros didáticos pertencem ao setor da indústria cultural e são feitos especialmente para a escola com a intenção de comunicar saberes das disciplinas escolares.

Por essa razão, o LD aparenta situar-se em uma visão teórica mais tradicional de currículo – tendo em vista seu contexto de surgimento e estabelecimento na escola há pelo menos dois séculos (BITTENCOURT, 2008) – corporificado através dos conteúdos previstos nas orientações curriculares oficiais. No entanto, tanto currículo quanto LD estão além dessa interpretação. O texto curricular entendido de forma ampla, inclusive por meio dos livros didáticos (SILVA, 2010), depende dos usos que dele se faz, não se limitando a modelos preestabelecidos.

Assim, vemos emergir o currículo em seu contexto cotidiano onde é permanentemente pensado e praticado, ou melhor dizendo, *pensadopracicado*, uma vez que a prática é indissociável da teoria, tal qual a reflexão da ação (OLIVEIRA, 2012).

Nesse aspecto, os usos feitos do LD configuram-se também como produção curricular que, na maioria das vezes, pode ser incorporado de maneira diferente, por vezes contrárias à original.

O livro, a proposta didática e o texto curricular são os produtos impostos para serem consumidos, mas nas relações de uso, são incorporados, muitas vezes, de maneira contrária à original, ou seja, há uma invenção nas práticas do cotidiano que estabelece as formas como professores e alunos, nas escolas, vão se ajustando e reorganizando o discurso oficial, o material oficial, criando uma produção mais cotidiana, tornada invisível, aquela dos 'consumidores', e que 'marca o que fazem com os produtos'. (GONÇALVES, 2018b, p. 32-33)

Vale destacar, conforme afirma Silva (2010), que o currículo, em termos de representação racial, mantém diálogo com as marcas da herança colonial. Logo, este é um texto racialmente enviesado, e, portanto, envolvido em questões de conhecimento, poder e identidade.

Diante disso, neste trabalho adotamos de forma ressignificada o conceito de *currículo oculto* (SILVA, 2010) para discutirmos acerca das possibilidades de resistência através de estratégias locais de resolução dos problemas educacionais (OLIVEIRA, 2012) ligados ao racismo, por exemplo, através das múltiplas e infindáveis formas de uso do LD.

## CONCLUSÃO

Para encerrar, ressaltamos que, pelo fato deste trabalho encontrar-se em andamento, considerações mais concretas encontram-se ausentes – embora não sejam o objetivo aqui –, estando sujeito a mudanças e outros aperfeiçoamentos. Ademais, o LD enquanto artefato pedagógico, cultural e curricular revela-se como uma possibilidade de luta antirracista através dos usos e consumos promovidos no cotidiano escolar.

## REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, C. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** – 2 ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

GONÇALVES, R. M. Conversas sobre práticas e currículos entre professoras: artesanaria e maneiras de fazer o cotidiano escolar. **Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, p. 23-45, Ano 23, Edição Especial, dez. 2018b.

MUNAKATA, K. O livro didático e o professor: entre a ortodoxia e a apropriação. In: MONTEIRO, A. M. F. C.; GASPARELLO, A. M.; MAGALHÃES, M. S. (org.). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 137-147.

OLIVEIRA, I. B. Contribuições de Boaventura de Sousa Santos para a reflexão curricular: princípios emancipatórios e currículos *pensadospraticados*. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 1-22, ago. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/10984> . Acesso em: 26 abr. 2021.

PAIS, J. M. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, P. V. B. **Racismo em livros didáticos: estudo sobre negros e brancos em livros de Língua Portuguesa**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

SILVA, T. T. **Documento de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. – 3 ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2010.